MARCELO GUIMARÃES LIMA

TEXTOS / WRITINGS

April 11, 2025

MACUNAÍMA, O HERÓI QUE VIROU CONSTELAÇÃO / MACUNAÍMA, THE HERO WHO BECAME A CONSTELLATION

—

Marcelo Guimarães Lima

Arte: Marcelo Guimarães Lima

Macunaíma foi escrito em aproximadamente uma semana, no final de 1926 (a primeira edição foi publicada em 1928), num período em que Mário de Andrade gozava férias em Araraquara (SP) na propriedade rural de um parente por afinidade. Neste sentido, enquanto fruto de um período de lazer, o livro pode ser considerado algo como um projeto "livre", "descompromissado". Projeto livre em relação, certamente, aos cânones ou modelos literários estabelecidos e mesmo em relação à obra anterior do escritor, projeto verdadeiramente experimental, como uma espécie de "improviso" no sentido musical do termo.

O improviso na música pressupõe o domínio da técnica musical, domínio do instrumento e das formas musicais; o músico improvisador funde a "escrita", quer dizer, a criação – seja ela paralela à uma obra existente, como se dá na música popular, no jazz e em outros gêneros, ou totalmente original – e a performance num mesmo ato. É sabido que na técnica literária de Mário de Andrade, a pesquisa sistemática e aprofundada de temas, autores, o trabalho metódico, deliberado, precedia e preparava a criação do texto. No conto ou no romance, os passos de elaboração criativa eram similares aos dos seus escritos teóricos, históricos, críticos, pedagógicos, etc. O domínio do tema preparava o fluxo criativo próprio da escrita imaginativa.

No caso de Macunaíma, as fontes etnográficas, folclóricas, históricas, linguísticas e sociológicas se fundem na escrita literária como substrato da forma em "retalhos" – forma rapsódica no dizer do autor – numa composição sui generis, a qual, como obra de vanguarda, obra moderna, deixa ver as estruturas, os "andaimes", os elementos materiais e simbólicos diversos e mesmo "conflitantes" de sua elaboração, e assim permite um diálogo de tipo "brechtiano" do narrador - o escritor ele mesmo como se apresenta de modo explícito no final da narrativa - com o leitor. Deste modo, na "epopéia" do herói da floresta virgem se entrelaçam a dimensão interna das histórias e o comentário exterior, as ações, os acontecimentos e as perspectivas, a narrativa do outro e o autor enquanto personagem.

O universo mágico de Macunaíma se sobrepõe, ou melhor, se amálgama às múltiplas realidades de um país plural nas suas feições geográficas, culturais, raciais, sociais e temporais, consideradas por seus intérpretes, no século XIX e mesmo no início do século XX, sob a chave ideológica do "conflito entre civilização e barbárie". Neste conflito, a opção de Macunaíma, a narrativa de Mário de Andrade, é pela "barbárie" imaginativa, pelas fusões geográficas, etnográficas, literárias, raciais, culturais, etc. que expressam um espaço próprio e um tempo igualmente específico, um espaço-tempo imaginário unificado pela linguagem, que empresta seu universo semântico, suas estruturas, seu vigor, seus ritmos e cores de fontes populares, nacionais e plurinacionais, reconhecendo a moldagem e transformação pelo novo meio natural e humano da língua europeia herdada.

Neste sentido, o "herói sem nenhum caráter" é o herói polimórfico, que subverte do interior da forma literária, e por meio desta, as formas de pensamento e de autorreflexão da realidade e da cultura nacional, subverte as categorias ideológicas dominantes dentro dos limites próprios da inserção histórica e do papel pioneiro de Mário de Andrade e dos jovens autores do modernismo brasileiro.

Em suas peripécias, sua fortuna e seus infortúnios, o "herói da nossa gente", Macunaíma, este grande "preguiçoso" que paradoxalmente se recusa a deitar raízes, este herói inquieto, impulsivo, atravessa o Brasil instantaneamente, confunde as paisagens, fala os vários sotaques, regionalismos e dialetos, mistura as mitologias e religiões, muda de cor, muda de raça, de status social e de papéis, se urbaniza e volta para a selva, mas continua o mesmo com seus desejos, frustrações, a busca do talismã e dos amores perdidos, até a apoteose final – a transformação do perene inconformista de criatura terrena para habitante do firmamento, criatura celestial. Macunaíma sobe aos céus em busca da amada Ci feita estrela, e é transformado na constelação da Ursa Maior. Assim, a maravilhosa história de Macunaíma termina em desolação, desaparece a comunidade nativa do herói, a tribo dos Tapanhumas de pele escura, e desaparece a memória de Macunaíma, Imperador da Mata Virgem, e de seus feitos.

Até que um homem visita as beiras do rio Uraricoera, região onde nasceu a criança negra e nativa chamada Macunaíma, o "filho do medo da noite", filho da terra e das gentes. Lá, o visitante encontra um papagaio de fala doce e mansa. O amistoso papagaio memorialista relata a vida e as aventuras dessa criança.

E assim, nasceu o romance de Macunaíma, conclui seu escritor, o relato de um relato de um bicho para um homem, memória de um pássaro falante da floresta para o narrador da cidade. E deste modo, no livro de Mário de Andrade se conjugam, ao mesmo tempo como parábola e paródia, mito e desencanto, humor e melancolia, como celebração, ironia e crítica mordaz, a imaginação selvagem e a literatura nova.

Macunaíma, the hero who became a constellation

Macunaíma was written by Mario de Andrade in approximately one week at the end of 1926 (the first edition was published in 1928), during a period when the writer was on vacation in the outskirts of the city of Araraquara (State of São Paulo, Brazil) in the rural property of a relative. As the result of a period of leisure, the book can therefore be considered as a type of “free-spirited” project. It was certainly free in relation to the established literary canons or models at the time, and in relation to the writer’s previous work, a truly experimental project, as a kind of “improvisation” in the musical sense of the term.

Improvisation in music presupposes mastery of musical technique, mastery of instruments and of musical forms. The improvising musician merges “writing,” that is, creation, and performance in the same act, whether the improvised music piece is parallel to an existing work, as in popular music, jazz, and other genres, or entirely original. In Mário de Andrade’s literary technique, systematic and in-depth research into themes, authors, etc., methodical, deliberate work, preceded and prepared the creation of the text. In the short story or novel, the steps of creative elaboration were similar to those in his theoretical, historical, critical, pedagogical writings, etc. Mastery of the subject prepared the creative flow typical of imaginative writing.

In the case of Macunaíma, ethnographic, folkloric, historical, linguistic and sociological sources merge in literary writing as substrate of a “patchwork” type of composition, a modular or a “rhapsodic form” in the author’s words, in a sui generis composition which, as a modern, avant-garde work, reveals its structural elements, the “scaffolding” behind the finished work, the diverse and even “conflicting” material and symbolic elements of its elaboration. In this way, the writing allows for a type of “Brechtian” dialogue between the narrator – the writer as he explicitly presents himself in the novel at the end of the narrative – and the reader. Thus, in the “epic” of the Hero of the Virgin Forest, narrative flow and external commentary, various actions, events and perspectives are intertwined. And that includes the narrative by a wild character, a forest bird, and that of the writer as a character.

The magical universe of Macunaíma overlaps, or rather, amalgamates with the multiple realities of a country that is plural in its geographic, cultural, racial, social and temporal features, considered by its interpreters in the 19th century, and even at the beginning of the 20th century, under the ideological key of the “conflict between civilization and barbarism”. In this conflict, Macunaíma, the narrative by Mario de Andrade, opts for imaginative “barbarism”, for geographic, ethnographic, literary, racial, cultural fusions, etc. expressing a specific space and an equally specific time, an imaginary space-time unified by a language that borrows its semantic universe, its structures, its vigor, its rhythms and colors from popular, national, plurinational sources, recognizing the molding and transformation of the inherited European language by the new natural and human environment .

In this sense, the “hero without any character” is the polymorphic hero, who subverts from within the literary form, and through it, the forms of thought and self-reflection of national reality and national culture, subverts the dominant ideological categories, within the limits of the historical insertion and pioneering role of Mário de Andrade and his colleagues, the young authors of Brazilian modernism.

In his adventures, his fortunes and his misfortunes, Macunaíma, the “hero of our people”, this very “lazy guy” who paradoxically refuses to put down roots, this restless, impulsive hero, crosses the vast territories of Brazil instantly, confuses the landscapes, speaks various local accents, regionalisms and dialects, mixes mythologies and religions, changes color, race, social status and roles, becomes urbanized and returns to the jungle, and remains the same throughout with his desires, frustrations, the search for the talisman and for his lost love until the final apotheosis, the transformation of the perennial nonconformist from an earthly creature to an inhabitant of the firmament, a celestial creature. Macunaíma ascends to the heavens in search of his beloved Ci made into a star and is transformed into the Ursa Major constellation.

Thus, the marvelous story of Macunaíma ends up in desolation. The hero's native community, the dark-skinned Tapanhumas tribe, disappears, and the memory of Macunaíma, Emperor of the Virgin Forest, and of his deeds disappears also.

Until a man visits the banks of the Uraricoera River, the region where a black native child named Macunaíma was born, “son of the fear of the night”, son of the land and its people. There, the visitor meets a sweet-talking, soft-spoken parrot. The friendly memoirist parrot tells the life and adventures of that child.

And so was born Macunaíma - the novel - concludes the writer, the story of a story told by a creature of the jungle to a man, the memories of a talking bird from the forest told to the writer from the city. And thus, were united at the same time as parable and parody, as myth and disenchantment, as humor and melancholy, as celebration, irony and scathing criticism, the imaginary world of the wild and the new literature.

POEMAS DA NEGRA
E DE MACUNAÍMA
Camargo Guarnieri (1907–1993)
Mário de Andrade (1893–1945)
Adélia Issa, soprano
Araceli Chacon, piano
12 POEMAS DA NEGRA
1. Não sei por que espírito antigo (1934)
2. Não sei si estou vivo (1968)
3. Você é tão suave... (1933)
4. Estou com medo (1974)
5. Lá longe no sul... (1974)
6. Quando (1934)
7. Não sei porque os tetéus (1974)
8. Nega em teu ser primário (1975)
9. Na zona da mata (1975)
10. Há o mutismo exaltado dos astros (1975)
11. Ai momentos de físico amor... (1975)
12. Lembrança boa... (1975)
4 POEMAS DE MACUNAÍMA (1931)
13. Rudá, Rudá!
14. Antianti é Tapejara
15. Mandu Sarará
16. Sai Aruê
CULT SP
PROAC SP
Secretaria da Cultura, Economia e Indústria Criativas
SÃO PAULO
AA500
0 74468 79690 4

ADÉLIA ISSA E ARACELI CHACON

NA CASA MÁRIO DE ANDRADE, SÃO PAULO , SP

https://www.casamariodeandrade.org.br/programacao-poemas-da-negra-e-de-macunama

APRESENTAÇÃO DE LANÇAMENTO DO ÁLBUM
POEMAS DA NEGRA E DE MACUNAÍMA
NA CASA MÁRIO DE ANDRADE

Ali Hassan Ayache

https://musicaeafinsbrasil.blogspot.com/2025/04/apresentacao-de-lancamento-do-album.html

Share

Labels: Adália Issa, Araceli Chacon, Camargo Guarnieri, canto, Marcelo Guimarães Lima, Mario de Andrade, modernismo, music, música brasileira, piano, Poemas da Negra e de Macunaíma, poesia, poetry, songs

COMMENTS

Enter Comment

POPULAR POSTS